

ONTEM

LIBAGÉ



HOJE

BRANGUS

A história de uma raça

Editora Livros de Arte Brasileira
Rua... 12449-2012 12478
www.livrosdearte.com.br

ONTEM

LIBAGÉ



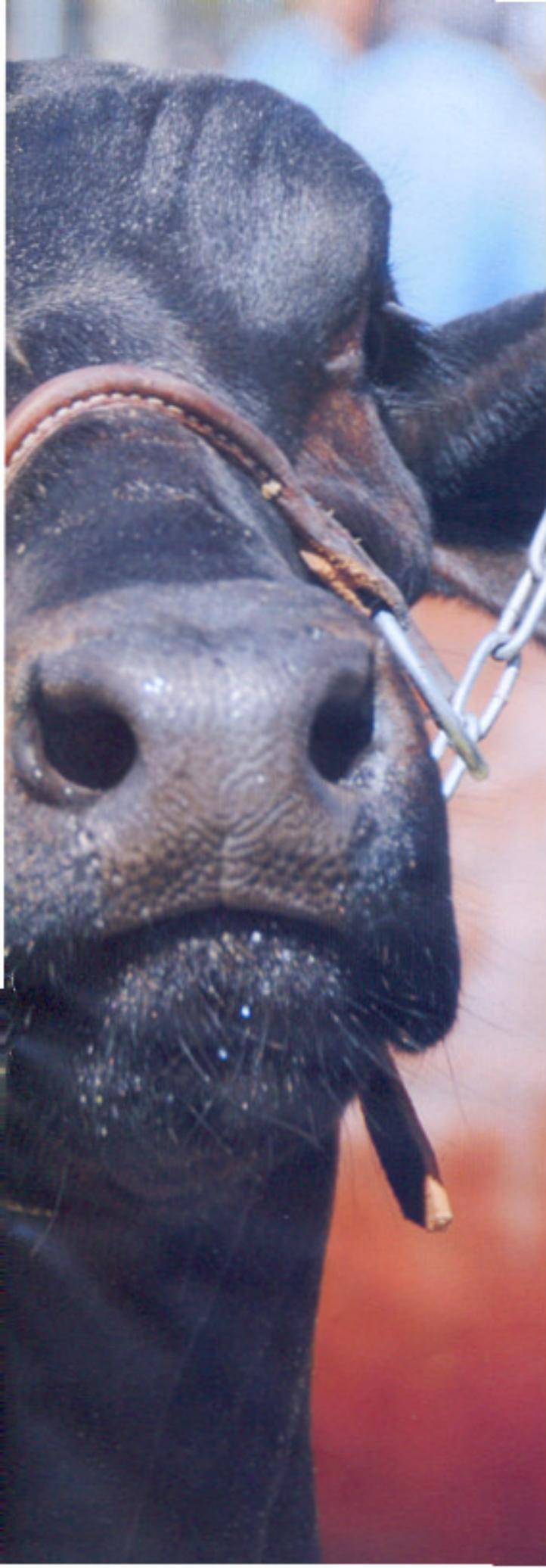
HOJE

BRANGUS

A história de uma raça

636-213
51740
2009
12419





APRESENTAÇÃO

A Embrapa Pecuária Sul está comemorando 35 anos de contribuição para o Sistema Pecuário Brasileiro. Neste período ocorreram transformações importantes no avanço tecnológico e conseqüentemente no desenvolvimento do setor.

As contribuições foram suficientemente consistentes para transformar esta Unidade de Pesquisa, num marco institucional de alta relevância para a região sul do Brasil e Mercosul.

A formação de uma raça bovina é fruto de um trabalho de pesquisa de longa duração, que necessita conhecimento e persistência. Muitos anos de pesquisa foram necessários até fixar a raça sintética 3/8 Nelore-5/8 Aberdeen Angus, denominada inicialmente como Ibagé e hoje sendo reconhecida como Brangus.

Os trabalhos de formação desta raça foram iniciados na antiga Estação Experimental "Cinco Cruzes" em Bagé, Rio Grande do Sul e, com a criação da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, todo o acervo desta raça passou à nova Empresa de Pesquisa, também vinculada ao Ministério da Agricultura. Coube à EMBRAPA, através da sua Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual - UEPAE de Bagé, prosseguir o trabalho já iniciado. O ano de 1979 pode ser considerado histórico, pois foi a data da fundação da Associação Brasileira de Criadores de Ibagé -ABI.





Naquela oportunidade, a convite do Chefe da UEPAE de Bagé, reuniram-se na Unidade produtores que compravam animais nos remates e pesquisadores. Foi então criada esta Associação. Na nominata da diretoria coube à EMBRAPA, através de seus pesquisadores assento no Conselho Técnico da entidade.

O apoio inicial da EMBRAPA foi total, tanto que a sede da Associação passou a funcionar na própria Unidade e o pesquisador Laudo Orestes Antunes Del Duca foi o encarregado de conduzir o Registro Genealógico da Raça. Em nossa visão este fato foi de grande importância para a consolidação da raça. Decorridos dez anos, a Associação seguiu seu próprio caminho, com sede na cidade de Bagé, sendo posteriormente, transferida para Campo Grande (MS).

Ao completar 30 anos da fundação da ABI a raça Ibagé, hoje chamada Brangus, mostra números pujantes, o que demonstra toda sua importância no cenário nacional. Atualmente, é criada em vários estados brasileiros e em diferentes países do Mercosul, demonstrando sua grande adaptação a diferentes ambientes.

O Brangus, hoje, em um universo de 50 raças, está entre as que mais vendem reprodutores, matrizes e sêmen. É líder em vendas de sêmen entre as raças sintéticas, com mais de 130 mil doses e também na venda de touros, tendo comercializado mais de mil reprodutores no ano de 2008 no Brasil. Estes fatos mostram que um trabalho de pesquisa pode melhorar sistemas produtivos e gerar desenvolvimento para o país.

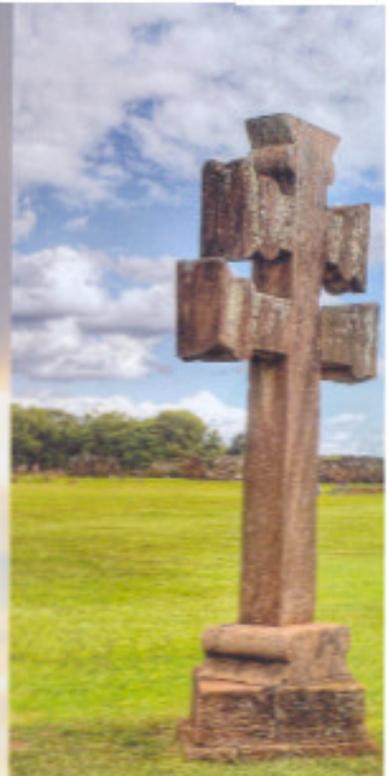
Joal Brazzale Leal
Chefe da UEPAE de Bagé
1979

Roberto Silveira Collares
Chefe Geral da Embrapa Pecuária Sul
2009

Os primeiros bovinos que chegaram ao Brasil

Não se pode contar a história de uma raça sem percorrer os caminhos para saber como os bovinos povoaram os campos do Rio Grande do Sul.

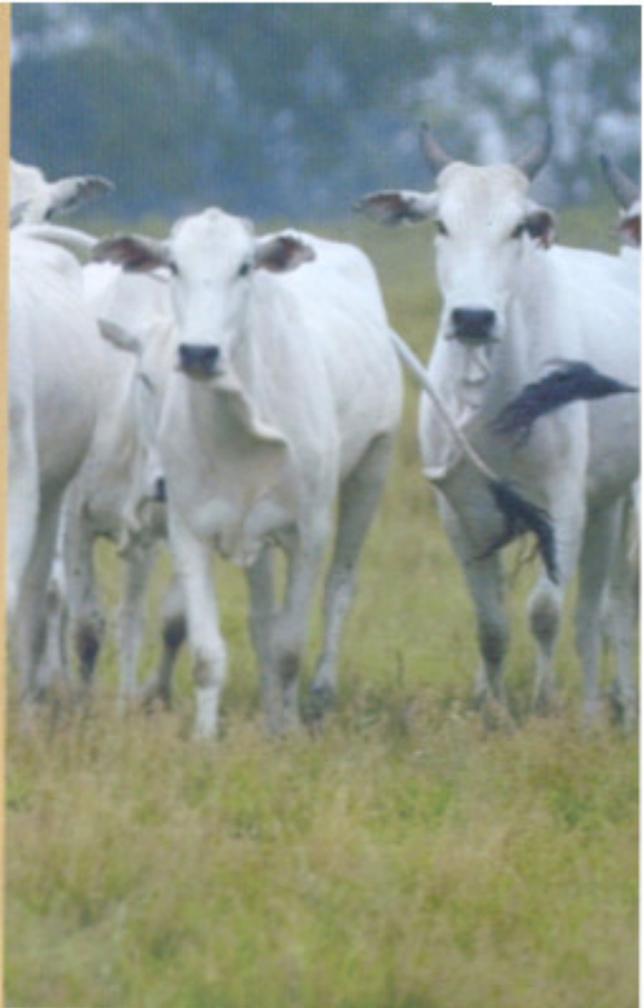
As publicações antigas dão conta de que, logo após o descobrimento do Brasil, os portugueses trouxeram gado de Cabo Verde. Esses animais teriam se instalado à beira mar, principalmente na Bahia, Pernambuco e São Vicente. Desses três núcleos os bovinos teriam se expandido para todo o país em um movimento que prolongou-se por dois séculos – XVII e XVIII.





Em terras gaúchas, o gado chegou no início do século XVIII, quando os Jesuitas enfrentavam problemas com a dispersão dos índios. Os anos de safras agrícolas frustradas fizeram com que os índios saíssem em busca de caça, para suprir suas necessidades alimentares. Foi quando eles descobriram na carne bovina uma solução natural para contornar o problema. Ainda no século XVIII, imigrantes açorianos trouxeram mais gado para o Estado, difundindo ainda mais a criação.





Os animais tiveram boa adaptação em solo gaúcho, e mais tarde a criação ganhou caráter comercial com a ajuda do cearense José Pinto Martins. Ele teria fundado duas charqueadas no Rio Grande do Sul com o objetivo de remeter para o norte do país o produto acabado. Nesta época, estabeleceu-se um mercado consumidor permanente. O fato levou os estancieiros a dirigirem suas criações para a produção de carne, fazendo surgir o chamado gado de corte.



As primeiras raças européias só chegaram ao Estado em meados do século XIX. Da Inglaterra vieram os primeiros animais, e os cruzamentos passaram a fazer parte da rotina dos criadores.

Embora sem um acompanhamento técnico, concreto e objetivo, os produtores sabiam o que buscar: animais que melhor produzissem carne.

O clima subtropical da região facilitou a adaptação das raças européias. Por outro lado o gado zebu, que veio da Índia, também se adaptava bem e com vantagens.



Rusticidade de um lado, marmoreio de outro

A rusticidade e a resistência aos ectoparasitos pareciam ser as principais características do gado zebuino, que ocupa boa parte do território nacional atualmente. Ele alimentava-se de pastagens mais grosseiras e suportava grandes caminhadas. Dessa forma ajudou a abrir os sertões brasileiros.

Enquanto o zebu abria sertões no norte, as raças européias produziam carnes marmorizadas e mais saborosas no Rio Grande do Sul, o que proporcionava ao consumidor um produto de melhor qualidade





Cruzamentos

A finalidade principal do cruzamento dos zebuínos com raças europeias foi obter indivíduos rústicos, produtivos e de qualidade de carne superior, em condições de meio ambiente adverso.

Os cruzamentos dirigidos procuravam explorar as virtudes de cada raça envolvida. Em 1940 começaram os primeiros trabalhos de cruzamentos controlados entre raças na Estação

Experimental do Ministério da Agricultura, em Bagé. O trabalho inicial foi conduzido durante duas gerações pelos Engenheiros Agrônomos Francisco Alves da Rocha - Inspetor Chefe, que depois foi substituído por Geraldo Velloso Nunes Vieira.

Nesta época os técnicos se debruçaram sobre o projeto para criar uma raça que conseguiria resolver o problema de adaptação para regiões com forragens de baixa qualidade e reduzida disponibilidade no período hibernar. Mas ele só ganhou a





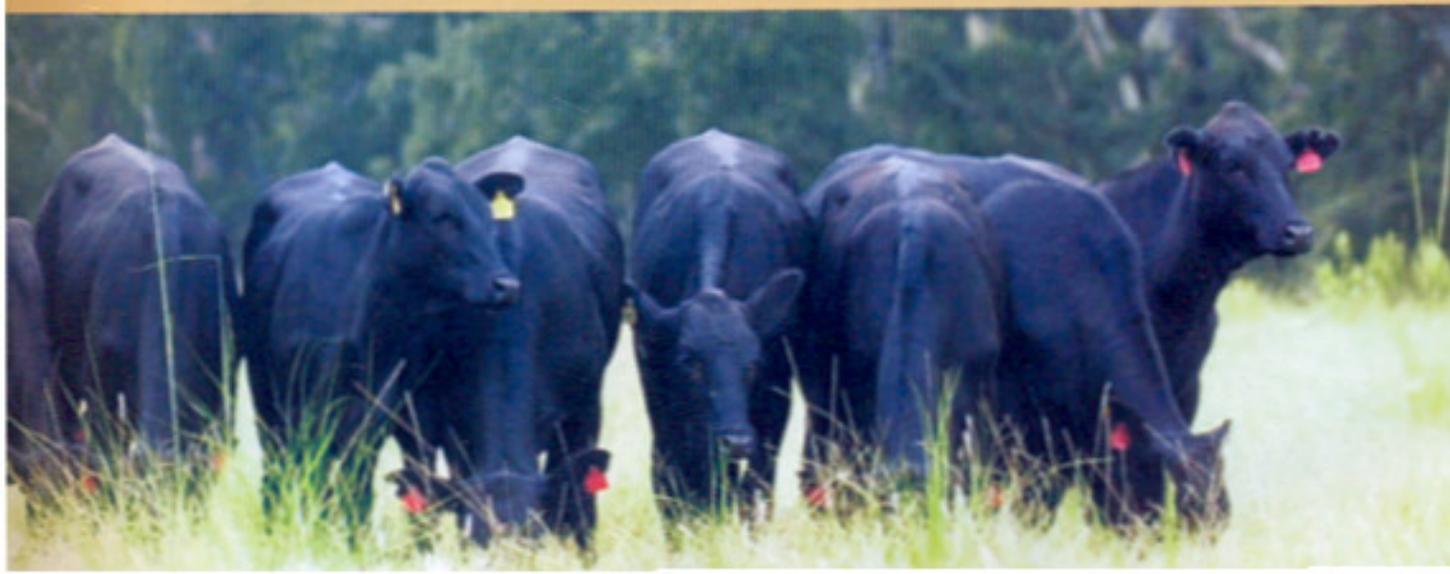
preferência nas pesquisas para o Ministério 15 anos mais tarde, em 1955.

O cruzamento entre as duas raças tinha por objetivo inicial fixar um mestiço 3/8 Nelore - 5/8 Aberdeen Angus, adaptável às regiões pobres em pastagens naturais no Estado.

Entre os zebuínos, pelo seu destaque em rusticidade, fertilidade e grande difusão nacional, foi eleita a raça Nelore. Das européias, pelas características de precocidade, fertilidade e qualidade de

carne, a raça Aberdeen Angus.

Dois reprodutores Nelore chegaram do Mato Grosso à Fazenda Experimental Cinco Cruzes por iniciativa do Dr. Mário de Oliveira, então Diretor Geral do Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária - DNPA, do Ministério da Agricultura. As fêmeas Aberdeen Angus puras por cruzamento vieram de Uruguaiana, de propriedade do Condomínio Hermes Pinto.

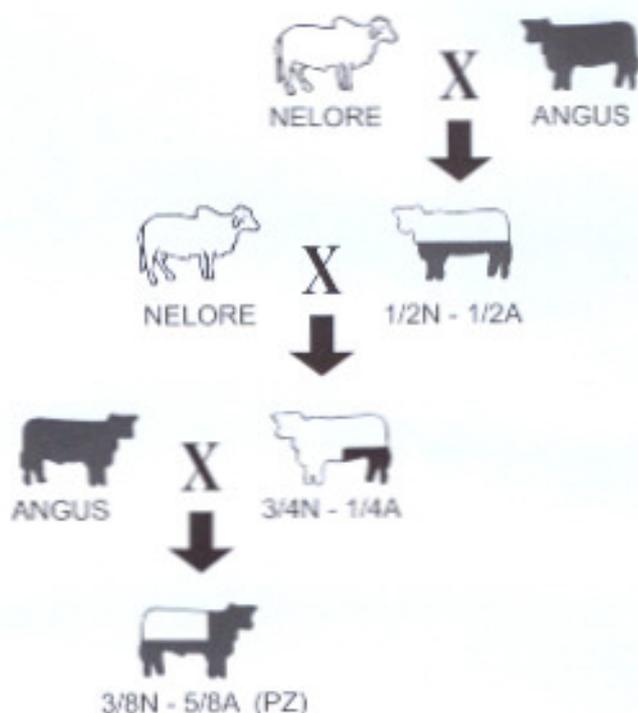


Esquemas de cruzamento

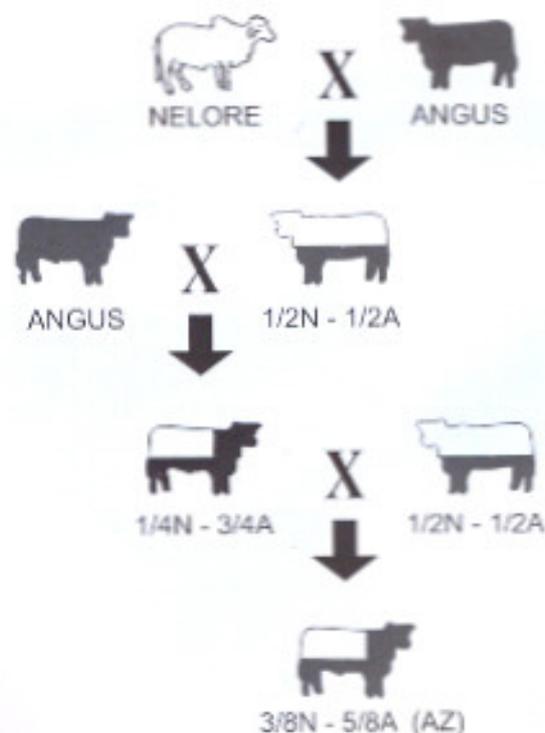
Para a obtenção dos animais denominados 5:3 Angus-Zebu foram usados quatro esquemas de cruzamento, partindo do acasalamento entre touros Nelore e vacas Aberdeen Angus. Com o objetivo de definir um esquema a ser seguido na formação do Ibagé, pesquisadores realizaram um estudo comparativo envolvendo o peso ao desmame, com idade corrigida para 205 dias, de 1797 terneiros Aberdeen Angus, 1/4 Nelore - 3/4 Aberdeen Angus e 3/8 Nelore - 5/8 Aberdeen Angus, onde foram considerados os efeitos de idade da mãe, ano e mês de nascimento.

Após estudos comparativos da produção do Ibagé (3/8 Nelore - 5/8 Aberdeen Angus) os pesquisadores apontaram que o esquema de cruzamento I resultava em vacas que produziam terneiros mais pesados do que aquelas obtidas pelo esquema II, III e IV. Por isso esses esquemas foram abandonados, e foi dada a seqüência às pesquisas com os cruzamentos pelo esquema I.

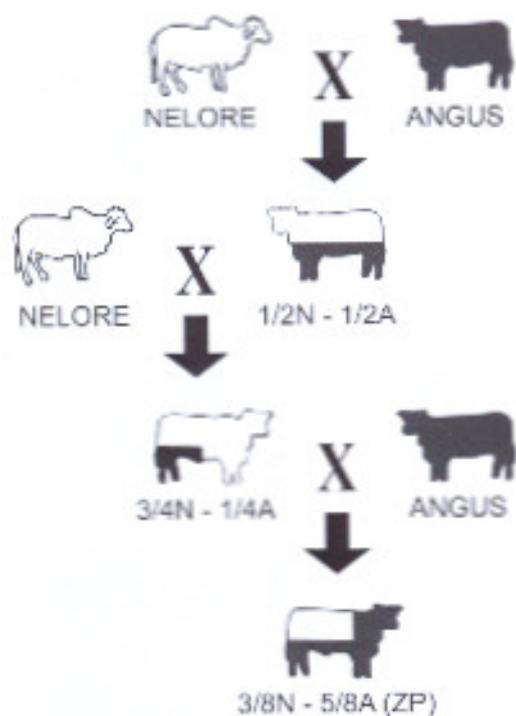
Esquema I



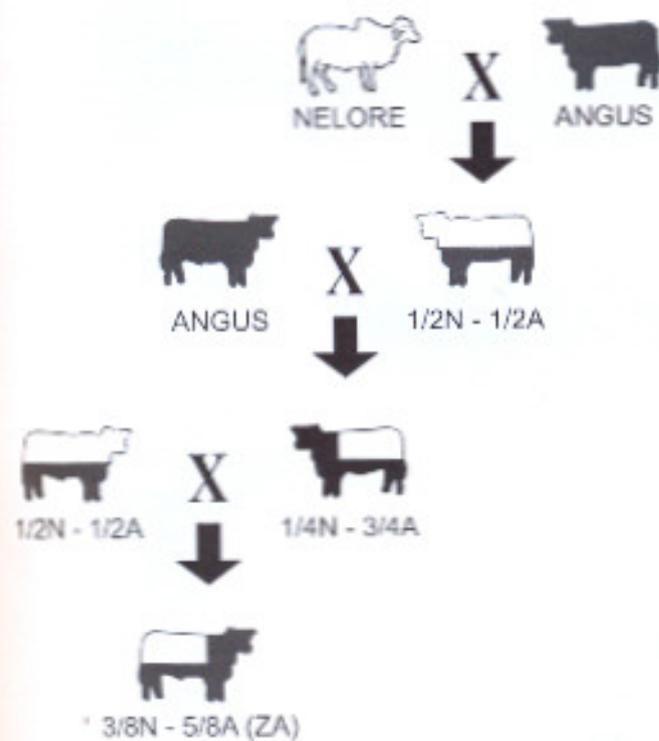
Esquema III



Esquema II



Esquema IV







Os elementos considerados indispensáveis na condução dos trabalhos foram:

- Identificação de todos os animais por ocasião do nascimento;
- Acompanhamento do desenvolvimento ponderal e ajuste dos pesos para as idades padrões;
- Seleção dos ventres por ocasião do primeiro acasalamento;
- Eficiência reprodutiva e habilidade materna.

Na seleção dos reprodutores, para uso da Estação Experimental, foi utilizado o teste de progênie com aqueles de maior destaque até os dois anos de idade. A avaliação da descendência, no teste, era feita pelos dados de crescimento e produção de carne resfriada.





Primeira seleção

A primeira seleção dos cruzamentos Nelore-Aberdeen Angus foi realizada em 1953, mas somente em 1955 nasceram os primeiros 3/8 Nelore - 5/8 Angus. Em outubro daquele ano foram tatuados ao pé das mães pelo engenheiro agrônomo Pedro Caggiano Filho, os primeiros 3/8, filhos de vacas 3/4 Nelore - 1/4 Aberdeen Angus e de touros Aberdeen Angus. A partir de então a formação da raça passou a ser uma das prioridades do Ministério da Agricultura.

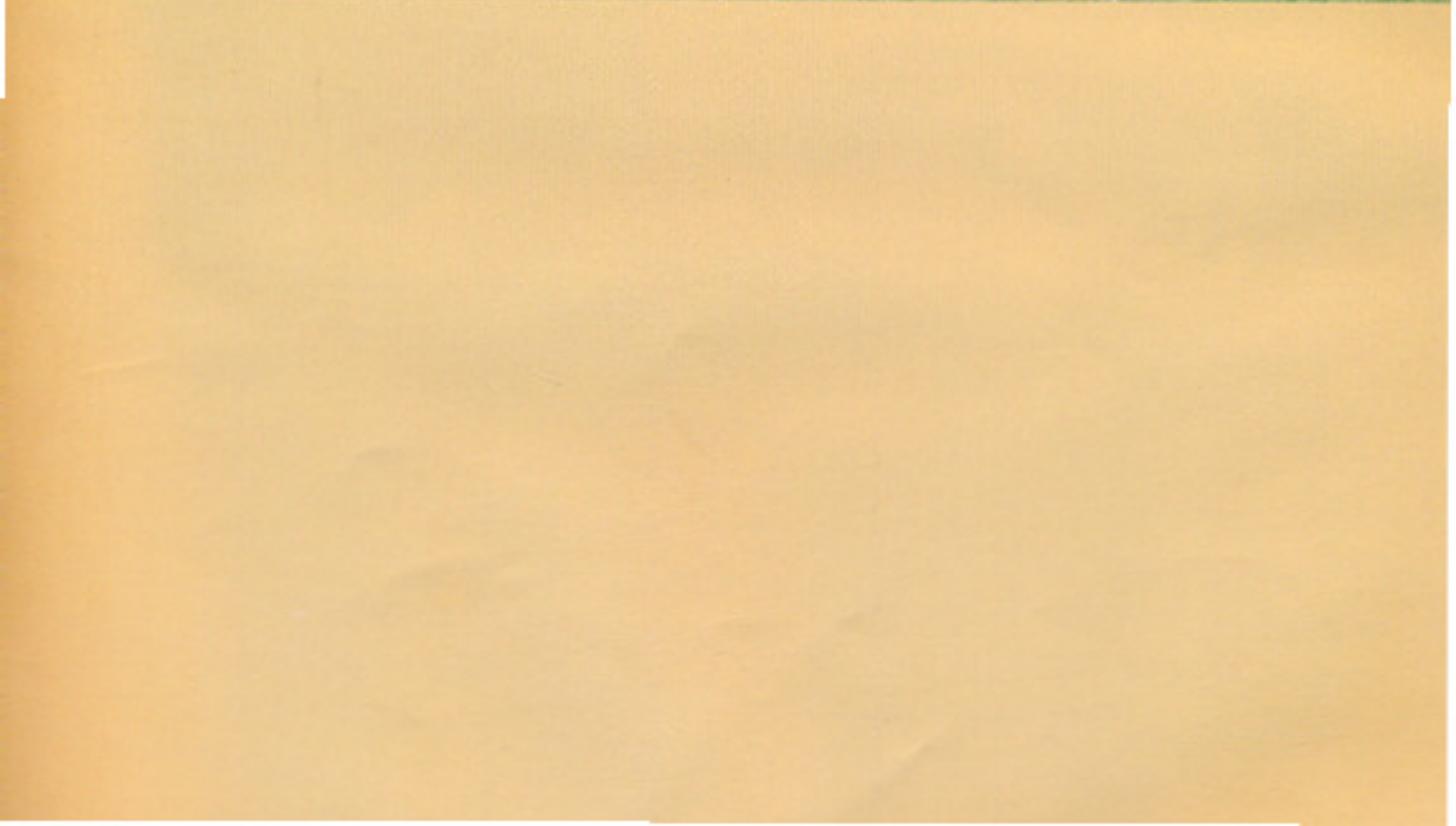
A raça sintética obtida, além de sua grande produtividade, apresenta a conveniência de fixação e transmissibilidade por herança de suas características zootécnicas.



Primeiros resultados

Os produtos da primeira geração entusiasmaram todos os envolvidos no processo de cruzamento pelo peso dos terneiros após o nascimento, pelo ganho mensal, pela precocidade, rusticidade e resistência às doenças.

Os terneiros eram pesados a cada 28 dias. A pesagem servia para avaliar o desenvolvimento ponderal dos animais, e também, para a comparação com terneiros de outras raças, entre elas Hereford, Devon, e os próprios Nelore e Angus.







O início da comercialização

A comercialização dos três primeiros machos 5/8 Angus-3/8 Zebu, como eram denominados, aconteceu em um leilão realizado em 28 de abril de 1957, pelo leiloeiro Nel Andrade Severo, do escritório Martin Magalhães Rossel. Os primeiros compradores foram Francisco Pillar, criador no município de Alegrete, e Geraldo Budó, de Bagé, um dos criadores pioneiros, e reconhecido como um dos grandes incentivadores da raça.

Após a fundação da ABI, e durante o que antecedeu ao primeiro registro oficial da raça a UEPAE de Bagé da Embrapa, forneceu certificados aos compradores de seus animais. Nesses certificados eram fornecidos os dados genealógicos dos animais com informações sobre seu desempenho em provas de avaliação.



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária



UEPAE DE BAGÉ - RS -

CERTIFICADO DE REGISTRO

I

TATUAGEM: PA 849 - I

SEXO: M

PAI: PA 350

NASCIMENTO: 19.02.75

MÃE: PA 734

Bagé, 16 de outubro de 1975

Responsável Técnico

Chefe UEPAE Bagé

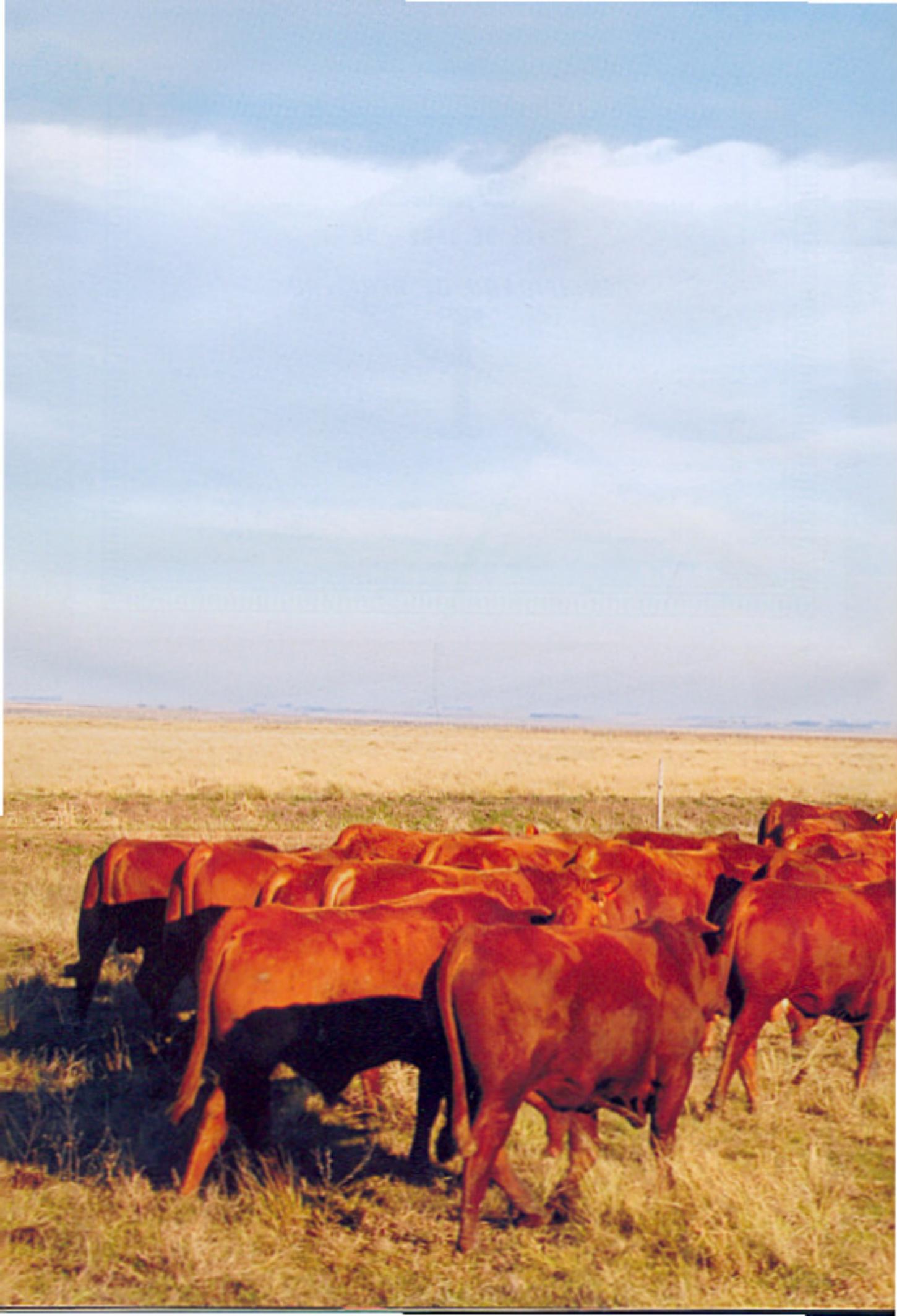
Vinculada ao Ministério da Agricultura

RESULTADOS ALCANÇADOS NO PROGRAMA DE MELHORAMENTO DE BOVINOS (PROMBO), COORDENADO PELA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIADORES "HERD BOOK COLLARES".

Peso real a desmama	- 227,0 kg
Peso ajustado aos 205 dias	- 237,0 kg
Ganho médio diário até a desmama	- 1,010 kg
Índice alcançado na desmama	- 127,9
Peso real no sobreano	- 550 kg
Peso ajustado aos 550 dias	- 522 kg
Ganho médio diário até o sobreano	- 0,946 kg
Índice alcançado no sobreano	- 115,5
Peso real aos três anos	- 870 kg

RESULTADOS OBTIDOS NO TESTE DE AVALIAÇÃO DE BOVINOS DE CORTE. SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Peso inicial	- 216,3 kg
Peso final	- 392,3 kg
Peso corrigido 205 dias	- 216,3 kg
Peso corrigido 365 dias	- 414,2 kg
Ganho médio diário	- 1.257 gramas
Ganho de peso por dia de vida	- 1.001 gramas



Cruzamentos em Uruguaiana

No município de Uruguaiana os cruzamentos iniciais Nelore-Angus foram realizados em 1972 pelo médico veterinário e zootecnista Flávio Bastos Tellechea. A primeira comercialização dos Nelangus, como chamou Tellechea, ocorreu em 1975 no 18º Remate Anual da Cabanha Paineiras.



O Ibagé nasceu para povoar



OS campos do sul do país



Em meados da década de 40 iniciaram-se os trabalhos para criação de uma raça que fosse capaz de suprir as necessidades dos produtores gaúchos, catarinenses, paranaenses e paulistas. Um gado fértil, precoce, com boa habilidade materna, boa conversão alimentar, excelente conformação de carcaça, rusticidade e, acima de tudo, com grande capacidade de adaptação aos ambientes adversos e de pastagens empobrecidas.

Esses estudos foram conduzidos pelas mãos de quatro pesquisadores da Estação Experimental do Ministério da Agricultura em Bagé: os engenheiros agrônomos Pedro Caggiano Filho, Emir Correa Chagas (in memorian), Laudo Orestes Antunes Del Duca e Eduardo Salomoni. Eles se debruçaram sobre as pesquisas para obter o animal desejado, através do cruzamento entre o zebuíno Nelore e europeu Aberdeen Angus.

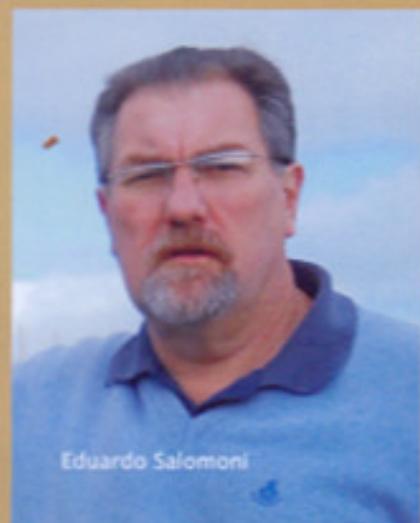




Emir Correa Chagas (in memoriam).



Laudo Orestes Antunes Del Duca



Eduardo Salomoni



Nesta época já havia nos Estados Unidos um gado chamado Brangus - fruto do cruzamento entre o gado Brahman (mistura de sangue de bovinos indianos) e o Aberdeen Angus. No Brasil o objetivo dos pesquisadores era chegar a uma raça sintética adaptada às condições de clima e solo da região sul do país, usando duas raças puras. O resultado da seleção foi um gado chamado Ibagé.

Pedro Caggiano foi quem tatuou os primeiros terneiros 3/8 Nelore - 5/8 Aberdeen Angus, em 1955.



IBAGÉ

3/8 NELORE - 5/8 A. ANGUS



A ALTERNATIVA DE UMA NOVA RAÇA



EMBRAPA - UEPAE/BAGÉ
EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA ZOOTECNICA
Ministério da Agricultura

ABI

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IBAGÉ
Rua Pádua, 292 - CEP 91400
91007 - RJ



Os técnicos contam que os anos de pesquisas serviram para traçar um perfil do Ibagé: "Precisávamos saber como este terneiro se comportaria na nossa região", diz Caggiano. No auge das pesquisas o rebanho Ibagé da Estação Experimental chegava a 1600 animais.



42ª EXPOSIÇÃO ESTADUAL
PARQUE DE EXPOSIÇÕES "A"
22/08 a 02/09/79 -- EST



DE ANIMAIS
S BRASIL"
- RS

Com a criação da Embrapa a, Estação Experimental foi transformada em Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE de Bagé) em 1975, sendo que a partir deste período foi dada maior ênfase ao trabalho de criação e difusão da raça. Pouco depois da criação da Associação Brasileira de Ibagé e antes mesmo do primeiro registro oficial da raça, os Ibagés já participavam de Exposições. Em 1979 a Embrapa levou os animais de tatuagem PA 120, PA 137 e PA 216 à Exposição Estadual de Esteio. O jurado Flávio Bastos Tellechea distinguiu o Touro PA 120 como o Grande Campeão da raça Ibagé.

Em 1980 teve início a participação efetiva de criadores e expositores particulares. Dez anos depois da primeira participação o Ibagé já somava 55 animais, sendo a 5ª maior representação de um total de 15 raças de corte na Expointer.

ATA DE ELEIÇÃO

Aos vinte e seis dias do mês de Janeiro do ano de mil novecentos e trinta e três, um grupo de camponeses de Jundi, residentes na estrada, nome aqui, reuniram-se em sessão na casa de José Benedito Leal e secretariado pelo Sr. Geraldo José Leal para a eleição da Comissão Directora da Associação Agrícola da de camponeses de Jundi, que ficou assim constituída:

- Presidente: Carlos Antonio Bernardino Carlos
- 1.º Secretário: Abelardo Bernardino Faria
- 2.º Secretário: Geraldo José
- Tesoureiro: Luiz Fausto Vieira Teixeira

- Comissão Técnica: Flávio Bastos Teixeira
- José Luiz Nelson Castromita
- Emir Correa Farias

- Comissão Fiscal: Luiz Carlos Brito
- Efetivos: Samir T. Knean
- Herni Sales Lato

Ass. 26 de Janeiro 1933

Alfredo Augusto
 Geraldo José Leal
 José Benedito Leal
 Luiz Fausto Vieira Teixeira
 Abelardo Bernardino Faria
 Flávio Bastos Teixeira
 José Luiz Nelson Castromita
 Emir Correa Farias
 Luiz Carlos Brito
 Samir T. Knean
 Herni Sales Lato



A Associação Brasileira de Ibagé foi fundada em Janeiro de 1979 por um grupo de criadores reunidos na Embrapa, em Bagé.

A primeira diretoria foi assim constituída:

Presidente: Cláudio Antônio B. Caldas

Vice-presidente: Abelardo Ibagoyen Paiva

Secretário: Geraldo Budó

Tesoureiro: Luiz Fausto Vieira Teixeira

Conselho técnico: Emir Corrêa Chagas, José Luiz

Nelson Costaguta, Flávio Bastos Tellechea

Conselho Fiscal: Hiram Salles Pinto, Jamil Tayê

Karam, Luiz Carlos Veloso Brum

Diretor de Registros: Laudo Orestes Antunes Del Duca

1º Registro oficial

O registro oficial da raça iniciou no segundo semestre de 1981, com a emissão do certificado nº 001 em 8 de outubro, para o animal de tatuagem 547 de nome Anu da Cinco Cruzes.

A oficialização e a emissão dos registros aconteceram pouco mais de dois anos depois da criação da Associação Brasileira de Ibagé, em 1979.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IBAGÉ

INSCRITA NO CADASTRO GERAL DO M.A. SOB O Nº 44

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CRIADORES – "HERD-BOOK COLLARES"
(SUBDELEGADA)

CERTIFICADO DE REGISTRO

3/8 NELORE - 5/8 ANGUS OBTIDO A PARTIR DE PAIS E
AVÓS 3/8 NELORE - 5/8 ANGUS

REG 381 Nº *001*

NOME: **"ANÔ DA CINCO CRUZES"**

PAI: (PA 15 da Cinco Cruzes)

MÃE: (PA 1922 da Cinco Cruzes)

CRIADOR: EMBRAPA - Empresa Bras. de Pesquisa Agropec.

ESTABELECIMENTO: UEPAE - "Cinco Cruzes"

MUNICÍPIO: Bagé, RS.

CÔR: Preta

TATUAGEM: *547*

NASCIMENTO: 13.07.78

REG.: XXX

REG.: XXX

COD. CRIADOR: *01*

INSPECTOR: José Costaguta

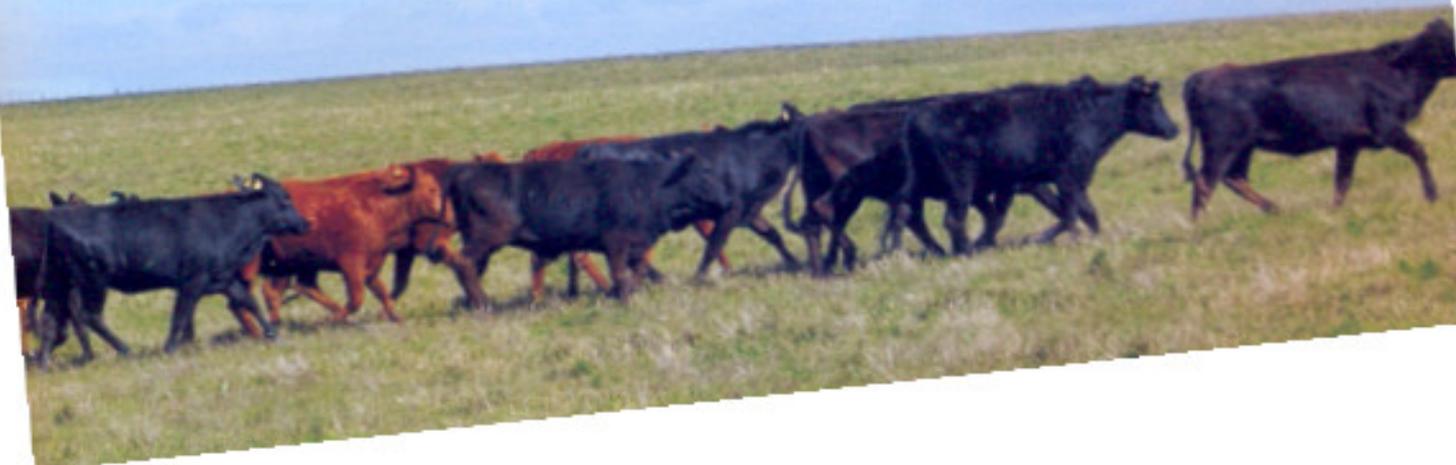
PELOTAS, 08 DE Outubro DE 1981



Diretor Geral da ANC



Diretor de Registro da ABE





O gado que inspirou pesquisas no sul do Brasil ganhou o país e hoje está no Acre, Bahia, Brasília, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo e Tocantins, além do Uruguai, Argentina e Paraguai.





ACRE

PARÁ

MARANHÃO

RONDÔNIA

PIAUI

TOCANTINS

MATO GROSSO

BAHIA

GOÍAS

DISTRITO FEDERAL

MATO GROSSO DO SUL

MINAS GERAIS

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

PARANÁ

RIO GRANDE DO SUL



Uma das barreiras para a expansão da raça fora do Rio Grande do Sul, foi transposta quando, em 1983, o pesquisador Eduardo Salomoni aceitou ocupar parte de suas férias da EMBRAPA para visitar os criatórios que começavam a se formar pelo Brasil. Podemos afirmar que naquela época, o Ibagé ganhou o país. Durante três períodos de férias, percorreu várias propriedades em diferentes Estados realizando inspeções zootécnicas. Somente cerca de três anos depois é que foram credenciados novos técnicos aptos a dividir a tarefa desempenhada por Salomoni. Esses técnicos receberam treinamento na EMBRAPA e em diferentes propriedades do RS.

A função desses profissionais consiste em avaliar se os animais estão dentro dos padrões raciais para que possam receber o registro da Associação.

Pioneiro nas Inspeções Zootécnicas





Ex Presidentes da Associação

Durante o período em que a Associação Brasileira de Brangus Ibagé esteve sediada no RS, ocuparam a presidência dessa entidade os criadores:

Claudio A. B. Caldas (1979-1982)

Walter Werner (1983-1985)

Sérgio Tellechea (1986-1987)

Belchior S. Dias (1988-1991)

Pedro Tellechea (1992-1993)

Ricardo Weiler (1992-1993)

Pedro Tellechea (1994-1995)



Cláudio Antônio B. Caldas

Produtor em Santana do Livramento, primeiro presidente da Associação Brasileira de Ibagé e grande incentivador da raça, Caldas era criador de Aberdeen Angus até ser incomodado, no final da década de 60, pelos carrapatos. Ele conta que na época existia apenas um remédio para o combate ao carrapato, e então pensou que poderia introduzir sangue zebuino no gado europeu que criava, para conseguir animais mais rústicos, com pelagem mais baixa. Baseado na Lei de Gregor Johann Mendel, fez os cruzamentos e logo percebeu que era um ótimo resultado.

Depois dos primeiros estudos em sua propriedade, uniu-se à Embrapa e "juntos colocamos o bloco na rua para criar a Associação", lembra Caldas.

De uma viagem que fez à Brasília, para acompanhar o filho em um campeonato de hipismo, surgiu uma entrevista com o Ministro da Agricultura do governo de João Figueiredo. "Era muito difícil registrar uma Associação naquela época", observa. Mas os caminhos se descortinaram depois desta entrevista.

Sérgio Tellechea

Terceiro a assumir a Associação, Tellechea conta que o suporte técnico com profissionais preparados, estudiosos, foi um apoio muito importante oferecido pela Embrapa à ABI na época.

"Minha fase foi a de cruzar fronteiras", diz o produtor. Durante a sua gestão deu-se a primeira participação de gado estrangeiro na Expointer, quando um touro Brangus da Argentina veio competir no país. "Houve um intercâmbio com produtores de outros países, muito importante para a internacionalização da raça", lembra.

Belchior Silva Dias

Belchior foi o quarto presidente da Associação Brasileira de Ibagé, eleito em 1989. Ele conta que, naquela época, a raça crescia rapidamente e fez-se a necessidade de mudar a sede da Associação, que funcionava até então na Embrapa, para uma sede mais ampla na avenida João Telles, em Bagé.

O ex-presidente lembra que o Ibagé apresentou-se primeiro sob o slogan "raça alternativa". Depois, "alternativa de uma raça forte", e finalmente "a raça forte".

"O Brangus Ibagé se propagava pelos campos do Rio Grande do Sul, e era presença de destaque nas mais diversas exposições de animais do Estado. A primeira grande oportunidade foi dada em 1989, quando a ABCZ convida a ABI para participar da 1ª Exposição de cruzamentos zebuinos a realizar-se em Uberaba - MG", diz Belchior.

Dois anos mais tarde, em 1991, foram nomeados os primeiros técnicos do Brasil Central depois de estágios na Embrapa e cabanhas de Bagé. Durante o seu segundo mandato, que começou neste ano, foi trocada a nomenclatura da raça, que de Ibagé passou a Brangus Ibagé.

Ele conta que durante a 79ª Expofeira de Bagé a Associação realizou o 1º Seminário Internacional de Brangus no Brasil, onde participaram importantes cabanheiros da Argentina.



Cláudio Antônio B. Caldas

Cláudio de Souza Caldas



Belchior Silva Dias



Sérgio Tellechea

Pedro Tellechea

Na gestão de Pedro Tellechea a raça estava começando a se sedimentar junto a vários criadores do Rio Grande do Sul e com participação em outros estados, principalmente criadores no Mato Grosso do Sul.

O número de animais registrados crescia ano a ano, mostrando que o projeto desenvolvido pela Embrapa - Bagé tinha suporte para avançar em todos os estados do Brasil, implementando qualidades aos animais produzidos com vistas ao registro na raça Brangus. Mais do que crescimento da raça em termos de espaço no Brasil, também foi marcante o interesse de pessoas de São Paulo e Mato Grosso em conhecer e desenvolver genética Brangus em seus estados.

Todo o trabalho realizado na associação estava apoiado e avalizado pelos técnicos e pessoal da unidade da Embrapa - Bagé, que sempre se colocava a disposição para apoiar, sediar e fomentar eventos que o Brangus fazia parte.

Em Uruguaiana a criação de Brangus pela família Tellechea começou nos anos 70, quando a parceria de Flavio e Roberto Bastos Tellechea implantou o cruzamento de Nelore em seus animais Angus, criando o afixo Nelangus. A partir disto, e sempre buscando animais nelore reconhecidos por suas qualidades e destacados no mercado, foi feita a base do Brangus.

Com o decorrer do tempo e com uma visão de procura por melhores características de precocidade e cobertura de carne, começamos a importar semem de touros importantes da Argentina e Estados Unidos para unir com as características importantes herdadas dos cruzamento com o gado Nelore brasileiro.

Ricardo Weiler

A experiência na Associação Brasileira de Brangus começou ainda na gestão do seu antecessor, Belchior Dias. Na diretoria da instituição Ricardo Weiler pode acompanhar de perto a disseminação da raça no Brasil Central. Vários estados já criavam o sintético desenvolvido pela Embrapa.

Já como presidente, em 1992, ele lembra que começaram as negociações para a formação do Mercosul. Nesta época deu-se uma integração maior entre o Brasil e os países vizinhos: Argentina, Uruguai e Paraguai, quando foi promovido o primeiro intercâmbio entre produtores desses países.

Neste período também vieram animais da Argentina para competir na Expofeira de Bagé.

Ele está na raça desde os primeiros testes da Embrapa e da fundação da ABB, em 1979. Ricardo optou por seguir a escolha do pai, Ivo Weiler, na criação de Brangus por que confia na performance da raça. Eles adquiriram boa quantidade de ventres da Embrapa nesta época. E hoje ele acredita que o Brangus está entre as raças carniceras de qualidade. Além disso, é consistente em aspectos importantes como adaptação e tolerância a diferentes tipos de ambiente e sistemas de produção.



Pedro Tellechea



Ricardo Weiler

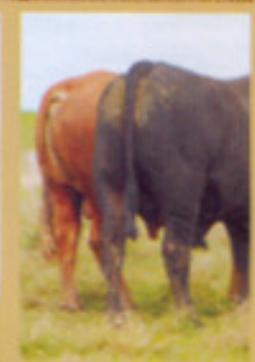


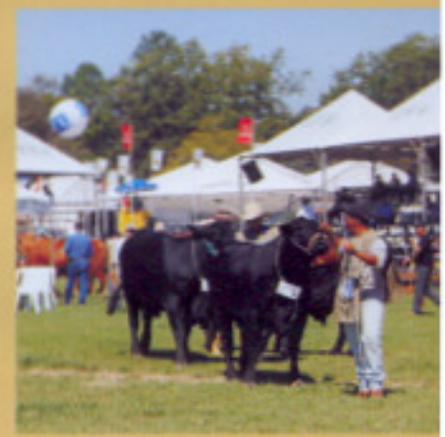


O rebanho Ibagé da Embrapa além da sua utilização para a coleta de dados de desempenho serviu de suporte, como material experimental, de inúmeros trabalhos de pesquisa nas áreas de manejo, nutrição, reprodução, sanidade animal e outros. Esses animais contribuíram fundamentalmente para a geração e validação de tecnologias como:

- Utilização e manejo da pastagem cultivada de azevem, trevo branco e cornichão.
- Desenvolvimento da vacina anti-aftosa oleosa.
- Redução da idade de abate e de primeiro serviço nas fêmeas em reprodução.
- Desmame outonal.
- Programas estratégicos para o controle integrado de endo e ecto parasitas.
- Práticas de manejo como o acasalamento de bovinos em dois períodos do ano.
- Sincronização de cio em bovinos.
- Desmame precoce aos 60-90 dias.
- Integração lavoura-pecuária.

Esses avanços tecnológicos foram importantes para o aumento da produtividade, como agregação de valor à carcaça e carne, praticamente eliminando a entressafra da oferta de carne bovina, de qualidade, no sul do Brasil.







DEDICATÓRIA

Esta publicação é dedicada à memória do nosso colega Emir Correa Chagas (11/02/1935 - 04/05/1993), engenheiro agrônomo, diplomado pela Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS) em dezembro de 1961.

Após um período trabalhando em sua propriedade, foi para os Estados Unidos, onde em 24 de setembro de 1965 concluiu o curso de pós-graduação na Universidade do Texas, (Texas A&M) recebendo o título de Máster of Science em Produção Animal. Durante o período que esteve na Universidade, foi agraciado com o título de Cidadão Honorário do Texas, concedido pelo Governador John Connally.

No ano de 1966 ingressou na antiga Fazenda Experimental de Criação "CINCO CRUZES" e nesse mesmo ano escreveu com colaboradores o trabalho "Observações preliminares sobre o cruzamento Zebu x Angus em Bagé". Este artigo foi divulgado na Revista Agrisul, do mês de julho de 1966, publicação oficial do antigo Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Sul (IPEAS), Pelotas, RS., pertencente ao Ministério da Agricultura.

Emir Correa Chagas, trabalhou de 1966 a 1993 na função de pesquisador na área de melhoramento genético. No antigo Departamento de Pesquisas e Experimentação Agropecuária (DNPEA) do Ministério da Agricultura foi coordenador de pesquisas nas áreas de bovinos e ovinos.

Posteriormente com a criação da EMBRAPA continuou exercendo a mesma função, sendo também coordenador de bovinos de corte. Chagas foi pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e consultor "ad hoc" do mesmo Conselho. Ao longo de sua vida profissional publicou inúmeros trabalhos, principalmente na área de melhoramento genético, com base nos resultados obtidos no projeto intitulado "Sistemas de Cruzamentos", o qual coordenou com muita capacidade técnica, empenho e amor.

Chaguinhas, como era carinhosamente chamado pelos colegas, tinha um justo orgulho e satisfação em dizer que foi o primeiro Mestre em Zootecnia a trabalhar no sul do Brasil. Além de tudo, foi o representante da EMBRAPA no primeiro Conselho Técnico da Associação Brasileira de IBAGÉ, raça esta a qual dedicou anos de trabalho para a sua formação.

A colaboração desse colega e amigo só trouxe brilho e prestígio a EMBRAPA, a nova raça que surgia, bem como a sua Associação, as quais muito devem ao trabalho desenvolvido por esse grande pesquisador.



Referências Bibliográficas

CAMPOS, Avari; MATOS, Hermano. Ibagé Tecnologia de uma raça. Bagé, EMBRAPA - UEPAE de Bagé

SALOMONI, Eduardo; CHAGAS, Emir Correa; DEL DUCA, Laudo Orestes Antunes. Ibagé, formação e seleção de uma nova raça. Bagé, EMBRAPA - UEPAE de Bagé, 1984. 23p. (EMBRAPA-UEPAE de Bagé, Circular Técnica 1)

CHAGAS, Emir Correa; CAGGIANO FILHO, Pedro; GARCIA, José Tiago Campos. Formação do 5/8 Angus - 3/8 Zebu; produção e manejo. Bagé, EMBRAPA - UEPAE de Bagé, 1978. 22 p. (EMBRAPA, UEPAE de Bagé, Comunicado técnico 1)

CHAGAS, Emir Correa; CAGGIANO FILHO, Pedro; GARCIA, José Tiago Campos. Formação do 5/8 Angus - 3/8 Zebu. Pelotas, Ministério da Agricultura - Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária, Instituto de Pesquisa Agropecuária do Sul. 12 p. (Circular 57 de setembro de 1972).

REIS, José Carlos Leite. Cinco Cruzes. Meio século de serviços para a pecuária gaúcha. Bagé, EMBRAPA - CNPO, 1987. 70 p. (EMBRAPA - CNPO, Documentos, 2).

DEL DUCA, Laudo Oreste Antunes; SALOMONI, Eduardo; OLIVEIRA, Nelson Roberto Manzoni - Formação da Raça Ibagé. IN: Fifth Global Conference on Conservation of Domestic Animal Genetic Resource, 2000, proceedings...Brasília. 2000. (trabalho completo disponível em CD ROM: LDO 591.15



ONTEM
IBAGÉ



HOJE
BRANGUS

A história de uma raça

Expediente

Autores

Eduardo Salomoni
Laudo Orestes Antunes Del Duca

Fotografia:

Kéke Barcellos
Antônio Pacheco
Paulo Azevedo
Fabiana Gonçalves

Redação final

Jornalista Fabiana M. Gonçalves
Registro Profissional 11156

Design Gráfico

Jesus Giovanni L. Vidal

Realização

Quadra Propaganda LTDA
Telefone 53 3242.7300
atendimento@quadrapropaganda.com.br

Iniciativa

Embrapa CPPSul - Bagé

Gráfica e Editora São Miguel

Tiragem: 500 exemplares

Bagé - RS, outubro de 2009